

Dalla prevê um ano de muitas decisões

O presidente do Congresso, senador Moacyr Dalla, disse ontem em seu discurso que a sessão legislativa este ano será "uma das mais importantes e decisivas da história da nacionalidade". Dalla previu também que, no Congresso, "serão delineados os caminhos que o Brasil deverá trilhar nos próximos tempos", o que é uma "grave e pesada responsabilidade, pois não podemos cometer erros que levem ao desvio da rota certa". E advertiu, logo em seguida: "A crise que avassala o Brasil já é grave demais para comportar enganos".

Responsável por conduzir a votação da emenda Dante de Oliveira - e outras - que restabelece as eleições diretas para a Presidência da República em 1984, Dalla, no que foi interpretado como um recado tranquilizante aos militares, disse que está "certo de que saberemos decidir bem" (a questão das diretas). E explicou:

— Além de estarmos (os parlamentares) respaldados pela confiança popular, expressa nas urnas, acabamos de ter a oportunidade de sentir, em contato direto, as angústias e as aspirações do povo que representamos. Elas ditarão nosso comportamento e darão suporte às nossas decisões.

Outra advertência de Dalla: "Não podemos nem devemos desconhecer o que vem ocorrendo. Lemos o que se publica, vemos o que se passa, ouvimos o clamor do povo, sentimos o agravamento da crise que já atingiu limites insuportáveis. Crise política, crise econômica, crise financeira, crise social".

A crise, ou o conjunto de crises, foi outro tema que marcou o discurso do presidente do Congresso. Segundo Dalla, a crise afeta a todos os setores do País, por isso, "apesar de este ano se anunciar eminentemente político, o rol de prioridades de nossa atenção não pode esgotar-se" no exame de como será a eleição do sucessor de Figueiredo.

Mas a crise econômica também ganhou destaque. O recado, agora, foi anti-recessão: "Se a base do progresso se revela frágil, toda a estrutura do edifício social ameaça ruir. O desemprego está atingindo índices alarmantes", disse Dalla, que acrescentou, secamente: "E desemprego significa fome".

Depois de argumentar que "à aflição dos produtores, soma-se o desespero dos trabalhadores, o drama dos desempregados, a angústia de todos", Dalla lançou novo recado, contra a falta de prerrogativas do Congresso:

— É verdade que o Poder Legislativo não pode ser culpado pela condução da coisa pública, nestes últimos anos, em que sobreviveu em estado de hibernação. Despojado dos instrumentos constitucionais que lhe dariam condição de atuar e de influir; colocado, mais de uma vez, em recesso forçado, viu-se compelido a uma existência anódina, a uma figura quase decorativa da Carta constitucional.

"Mas - acrescentou, sob aplausos - chegou o momento em que não lhe é dado lavar as mãos, como Pilatos. Não basta dizer: "Sou inocente do sangue deste justo". Não cabe a alegação de que não temos parcela de culpa pelos descaminhos da Pátria e pelo sofrimento do povo". Desta vez, o recado foi para os partidos políticos, ou seja, PDS e Oposições devem se sentar à mesa, negociando soluções, alternativas para o Governo.

Dalla também lembrou a "ação decisiva do Presidente da República, na abertura dos caminhos que estamos trilhando e que nos conduzem ao estado de direito". E mais: "Julgá-lo (o presidente Figueiredo) apenas por uma crise cujas causas herdou, parece-me, no mínimo temerário". Novo recado: "Não é reabrindo feridas que vamos cicatrizá-las. Há que distinguir entre crítica a agressão. Não é agredindo os demais poderes que reconquistaremos, para o nosso, as ansiadas prerrogativas", disse Dalla. Os destinatários não poderiam ser outros: os deputados João Cunha (PMDB-SP) e Francisco Pinto (PMDB-BA), processados pelo Governo sob a acusação de ofensas ao Presidente.

Ao finalizar, Moacyr Dalla afirmou que este ano legislativo será difícil para a presidência do Congresso e que sua intenção é a de se conduzir "de modo a não demerrecer a confiança" que lhe foi depositada.

Discurso agradou mais à Oposição

O discurso do senador Moacyr Dalla, presidente do Congresso Nacional, agradou mais à oposição do que ao PDS, superando a reação à mensagem do presidente Figueiredo. O líder do PMDB na Câmara, Freitas Nobre, declarou-se surpreendido com a postura de autonomia do presidente do Congresso, que prometeu agir respaldado pela confiança da Nação, "em contato direto com as angústias e clamores do povo que representamos".

— O presidente do Congresso - disse Freitas Nobre - revelou exata compreensão do momento em que vivemos, especialmente quando se referiu a esta fase como o fim de um ciclo. Esperamos que haja coerência entre o discurso de hoje (ontem) e sua atuação nos dias difíceis que nos esperam.

Já a mensagem do presidente Figueiredo foi qualificada pelo líder do PMDB como um primeiro sinal de autocritica do Executivo: "Pela primeira vez, o Executivo reconheceu que não pode tudo e que não sabe tudo".